

Juliana Ferreira de Souza

Classe Hospitalar:
uma proposta de capacitação docente

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2009

Juliana Ferreira de Souza

**Classe Hospitalar:
uma proposta de capacitação docente**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial
ao curso de Pedagogia – Habilitação
OE/SE, sob orientação da Profa.
Dra. Alda Luiza Carlini.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2009

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus que é autor principal em minha vida, que é o dom mais precioso que tenho.

Agradeço a minha orientadora Alda Luiza Carlini, que possibilitou de inúmeras formas que este trabalho pudesse ser realizado. Fico grata pela sua disponibilidade e compreensão, por respeito as minhas opiniões e ideias.

Agradeço em especial a todos os professores desta universidade que me acompanharam durante esses quatro anos de vida acadêmica. Fico grata pela contribuição em meu aprendizado.

Agradeço a todas as colegas da faculdade. Obrigado. Por tudo que aprendi com cada uma de vocês, em especial à Patrícia, amiga que me deu tanta força, por conseguir chegar até aqui: obrigado pelo seu companheirismo e amizade. Fico grata por tudo que me ensinou.

Agradeço aos meus irmãos Maria, Ana Paula, Murilo, Francisco, Roberto e Luciano. Obrigado pela paciência que tiveram comigo. Aproveito para agradecer a toda minha família, meu pai Geraldo Ferreira de Souza e minha mãe Rita Alves de Souza (in memoriam).

Agradeço em especial também a minha querida tia Tereza: obrigado pelo acolhimento e companheirismo e por suas palavras de sabedoria, que me ajudaram tanto durante este tempo.

Por fim, agradeço a todos pelo carinho e amizade. Obrigado por fazerem parte da minha vida. Vocês serão sempre lembrados em meu coração com muito amor.

Dedicatória

Dedico este trabalho, assim como tudo o que sou, aos meus pais Geraldo Ferreira de Souza e Rita Alves de Souza (in memoriam). Obrigado pela dedicação e carinho que sempre tiveram ao cuidar de mim.

Dedico a minha tia Terezinha Ferreira de Souza, pelo seu acolhimento, no momento em que mais precisei, aos meus sete irmãos, primos e primas, ao meu namorado e a sua família por me apoiarem e respeitarem as minhas escolhas.

Dedico às colegas de faculdade pelo apoio e força, em especial a minha orientadora Alda Luiza Carlini, que me ajudou muito na concretização deste trabalho, tão importante para mim.

Enfim, dedico a todos que colaboraram para o meu crescimento pessoal e profissional durante estes quatro anos de vida acadêmica.

Resumo

SOUZA, Juliana Ferreira de. **Classe Hospitalar**: uma proposta de capacitação docente. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia (Habilitação OE/SE). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

A construção deste trabalho tem como ponto de partida conhecer a classe hospitalar e promover a capacitação docente para atuar nesse espaço. O ponto de partida foi a escola da rede particular de ensino, como campo de estágio obrigatório, onde foi possível observar práticas e trocar idéias com os profissionais. Foi possível verificar que eles não tinham conhecimento sobre o tema. A investigação sobre programas de capacitação docente para atuar em classe hospitalar demonstrou que esses cursos são raros, com horários pouco flexíveis. Diante disso, esta pesquisa propõe um programa para capacitar professores para atuar em classe hospitalar, uma capacitação ampla, que envolve aspectos mais profundos de ordem patológica, sociológica e principalmente psicológica, do aluno-paciente. O profissional de classe hospitalar precisa estar preparado para promover momentos de afeto, de aproximações de saberes interdisciplinares e mediações entre o hospital e a escola, assumindo uma postura de dialogicidade.

Palavras-chave: classe hospitalar, aluno-paciente.

Sumário

Introdução	07
Capítulo I	
Referencial teórico	11
Concepções gerais	11
Subsídios teóricos	18
Capítulo 2	
Metodologia	26
Capítulo 3	
Análise e avaliação institucional	27
Capítulo 4	
Proposta de ação	29
Considerações finais	34
Referências bibliográficas	

Introdução

Trajetória Pessoal Profissional

Da educação Infantil até o 8º. ano do ensino fundamental II, estudei na mesma escola, no interior de Minas Gerais. A educação em uma cidade pequena é muito diferente, pois a família está sempre dialogando com a escola. A escola em que estudava era uma escola aberta à comunidade, a equipe escolar fazia um excelente trabalho de interação com todos, promoviam diversos eventos, como: Feira de ciências, Festa junina e Olimpíadas inter escolares, entre um bairro e outro. Era muito divertido tudo o que acontecia naquele ambiente, me sentia muito bem naquela escola. Mas, ao término do ensino fundamental II, tudo começou a mudar, pois a escola em que estudava (Escola Municipal Miguel Arcanjo) era a única que tinha no município em que eu morava, e a partir de então tive que optar por morar em São Paulo, para a continuação dos meus estudos.

Mudei para São Paulo no ano de 2002. Ao chegar aqui fiquei um pouco impressionada, pois até então era acostumada com uma certa rotina de vida, e chegando aqui tudo mudou, as transformações logo foram sentidas, tive que me adaptar se quisesse continuar meus estudos. A escola em que estudei aqui em São Paulo (Escola Estadual DIB AUDI) para a realização do ensino médio era bem diferente: tinha mais alunos, professores, não era tão acolhedora. Foi bem nesse tempo em que o único assunto discutido por todos era a questão do Vestibular. A minha cabeça dava diversas voltas ao pensar que estava chegando e eu ainda não sabia o que iria prestar.

Cheguei a fazer testes de orientação vocacional, mas não recebi o resultado em mãos. Terminei o ensino médio em 2004, mas não tinha condições financeiras para pagar o vestibular e a matrícula em uma universidade. Então fiquei um ano sem estudar, fazendo outros cursos para poder arrumar um trabalho.

Em outubro de 2005, fiz a inscrição no vestibular da PUCSP, no qual minha primeira opção foi Pedagogia. Mesmo não tendo condições de pagar a

mensalidade, me arrisquei, pois sabia que a PUCSP tinha um programa de bolsas de estudos. Isso foi o que mais me incentivou, e além de tudo pelo fato da PUCSP ter um ótimo currículo e por ser bem vista pela sociedade e pelo mercado de trabalho.

Ao saber que tinha passado no vestibular, fiquei muito feliz, pois a partir de então eu começava a realizar um dos meus sonhos, que era cursar Pedagogia na PUCSP. Quando era criança, pensava em ser Pediatra, já mais jovem, em ser enfermeira. O cuidar das pessoas, crianças, sempre esteve presente na minha vida.

Ao chegar na universidade, o meu olhar de sociedade, mundo, natureza, começou a ser transformado para melhor. Posso dizer que a permanência dentro da universidade foi o mais difícil. Os meses iam se passando e a faculdade não abria as inscrições para bolsa. No mês de maio de 2006, pensei em desistir, melhor dizendo, pensei em não continuar estudando.

No final de maio, foram abertas as inscrições para bolsa de estudos pela internet. Me inscrevi, na esperança de continuar estudando. O processo de seleção foi muito difícil, e a cada dia que passava, ficava mais complicado. Depois de um mês de persistência, acabei conseguindo ganhar 100% de bolsa pela Fundação São Paulo. Quando fiquei sabendo da notícia chorei muito, fui elogiada por todos da minha família.

Depois de toda essa conquista pela minha bolsa de estudos, começou um processo de readaptação na minha vida profissional, pois estava chegando o momento de conhecer um pouco melhor a área da Educação, na qual eu iria atuar de agora para frente. Os estágios obrigatórios que a faculdade pedia, eu fiz em um colégio próximo da casa onde moro atualmente.

Comecei a mandar currículo pela internet, na intenção de conseguir um estágio renumerado. Em setembro, um dos currículos que havia mandado para a empresa Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) foi selecionado para entrevista. Fui para a entrevista muito confiante, pois de fato tudo o que estava aprendendo na faculdade, poderia colocar em prática. Passei no processo seletivo, fiquei muito feliz.

Nesta empresa fiz estágio por dois anos, mas ela não oferecia nenhuma forma de efetivação ou prorrogação, pelo fato de ser uma empresa pública. Lá, eu atuava em diversas atividades, como: Escola de trânsito móvel, teatro de fantoches, contação de histórias, que eram realizadas em escolas públicas e particulares da cidade de São Paulo.

Em 2008, sai da CET, antes mesmo do estágio acabar. Naquele ano fiquei sabendo que o Hospital Albert Einstein tinha um creche que oferecia estágio por um ano, e tinha a possibilidade de efetivação. Ao saber dessa notícia, fiquei empolgada para mandar um currículo para participação de uma entrevista.

Em maio mandei o currículo e fui uma das selecionadas para trabalhar na creche. Essa creche atende apenas filhos de profissionais que trabalham no hospital. Lá tive a oportunidade de trabalhar com crianças desde o Berçário até o Jardim II. Permaneci nesse estágio até 2009.

Ao sair da creche do Hospital Albert Einstein, recebi uma proposta de trabalho no colégio onde tinha feito os estágios obrigatórios da universidade. Essa proposta de trabalho, oferecida pela Coordenadora Pedagógica do colégio, era então para atuar com o 1º. ano do ensino fundamental, mas eu não tinha tanta experiência em alfabetização. No entanto, com o apoio que tive, e as orientações que recebi, consegui seguir em frente e permanecer no colégio fazendo o meu trabalho.

Atualmente estou trabalhando em período integral. Tenho duas turmas: uma de 14 alunos na parte da manhã. E outra turma à tarde também com 14 alunos. A experiência que estou realizando está sendo muito boa e necessária para a minha vida profissional.

Em 2009, no último ano do curso, optei por fazer a Habilitação em Orientação Educacional e Supervisão Escolar (OE/SE), por ser algo que sempre quis, desde o primeiro ano em que entrei na universidade e, buscando esclarecer algumas inquietações, cheguei a essa Habilitação.

Neste momento, estou fortemente influenciada a desenvolver nos educadores, seja nos hospitais ou nas escolas, e principalmente nas famílias o

que aprendi com os professores desta universidade. Adoro todos eles, são maravilhosos, aprendi bastante com cada um deles.

Acredito que minha carreira profissional está sendo bem sucedida, pois as metas que tracei para mim, estou conseguindo alcançar a cada dia que passa.

O meu ponto de partida no TCC é a curiosidade que me leva para a pesquisa, que estou fazendo. Quero saber um pouco mais sobre a atuação do Pedagogo no ambiente hospitalar. Quem forma e como é formado o Pedagogo para atuar na classe hospitalar? Quero com tudo isso fazer a diferença, pelas pessoas e ambientes em que passar.

Nesse sentido, esta pesquisa se organiza em torno dos seguintes objetivos:

- Conhecer a classe hospitalar, em seus aspectos teóricos;
- Propor processos de capacitação de professores de educação básica para atuar em classe hospitalar.

Capítulo I

Referencial teórico

1. Concepções gerais:

1.1. Concepções de homem, mundo, sociedade, trabalho e orientação vocacional (OV)

Vivemos em uma sociedade que, no decorrer do tempo, foi se organizando em grupos. Mais tarde, essa organização ganhou características especiais, na forma de divisão em classes sociais. Com o desenvolvimento do capitalismo e a constituição de novas formas de organização do trabalho, com base na troca entre proprietários e assalariados, as classes sociais se configuram como mais ou menos favorecidas.

O proprietário dos meios de produção determina e remunera a transformação da matéria-prima em produtos, que é realizada pelo trabalhador, que vende sua força de trabalho em troca do salário. Nesse processo, o excedente de produção, que não é pago ao trabalhador, recebe o nome de mais valia, ou seja, lucro. Este capital acumulado pertence ao proprietário da empresa, em especial onde não há participação do trabalhador neste processo, e possibilita que a empresa mantenha-se, sem correr o risco de falência.

O capitalista é o dono dos meios de produção, ou seja, ele adquire a matéria-prima, as ferramentas, e se apropria dos produtos acabados. A sociedade capitalista tem como elementos fundamentais a propriedade privada, a divisão social do trabalho e a troca.

Essa forma de organização econômica é respaldada por um sistema político que, no Brasil, recebe o nome de democracia, ou seja, as decisões do povo devem ser coletivas, expressas pelo voto e todos são responsáveis por elas. Isso evidencia a importância da compreensão do ser humano, neste contexto. Ele precisa ser entendido para além de sua capacidade de acumular capital e de controlar os meios de produção. Mas, quem é ele?

Para responder a essa pergunta, é possível considerar a visão de homem proposta por Platão, um homem com alma e corpo perfeito. No

entanto, para ele, a alma habita o mundo das idéias, de onde traz a compreensão e o desejo da perfeição, da estética e da ética. Esses parâmetros não se realizam no mundo real, na sociedade em que vivemos, porque embora conhecidos e desejados, nem sempre são obedecidos, pois cada ser humano caminha em direção daquilo em que acredita, ou seja, cada ser pensa de um jeito diferente e carrega consigo a sua filosofia de vida. Nem sempre é possível interferir diretamente sobre os valores que cada pessoa defende e nos quais acredita para viver bem, pois cada ser humano é único em seu modo de pensar.

Cada homem traz consigo, ao nascer, uma herança biológica, genética. E sobre ele atua a filogênese, que vai orientar o seu desenvolvimento como ser humano, vinculado a uma espécie. Atua também a ontogênese, que descreve o desenvolvimento deste indivíduo, em seu processo de tornar-se e reconhecer-se como ser humano, ao longo da vida.

Segundo Piaget, nesse processo de tornar-se ser humano, com base no ser biológico, o indivíduo partilha da herança cultural, dos valores, dos costumes e crenças que vai adquirindo em seu grupo social e que permitem caracterizar o lugar onde este ser humano está vivendo, o tipo e a forma de relações que está construindo com as outras pessoas. Junto com a bagagem cultural, e ao mesmo tempo, ele vai se apropriar do sistema de linguagem de seu grupo.

Para Kant, ao longo desse percurso o homem desenvolve a razão, o entendimento, a sensibilidade, de forma integrada. Segundo o mesmo autor, com base na estética transcendental, cada ser consegue desenvolver a capacidade de conhecer, de pensar, e ainda de indagar como as idéias chegam ao seu pensamento. E a sensibilidade permite o registro das sensações, e da intuição, que sendo múltiplas, porque são diversas as sensações desorganizadas, requerem o concurso da lógica, na formação dos conceitos.

Hegel aborda essas questões de forma um pouco diferente, pois ele se baseia em Heráclito, que acreditava no movimento das relações entre homem e sociedade, como um movimento dialético. Para ele, ao intuir, o indivíduo já está lidando com a idéia de conhecimento, pois o homem é sujeito histórico das

relações, vai intervir na realidade e, a partir desse movimento, vai tentar provocar a sua transformação.

Com Marx e o materialismo histórico-dialético, torna-se evidente que o homem está inserido em uma sociedade, em um espaço e tempo, e além disso, está inserido no mercado de trabalho, onde ocorre a exploração de sua mão de obra.

O indivíduo, em seu processo de desenvolvimento social, utiliza-se da linguagem como fonte de comunicação, para posicionar-se perante a sociedade. A partir desse contexto, ele desenvolve o pensamento verbal e a linguagem, como sistema de signos. Este é um momento crucial no desenvolvimento do indivíduo, um processo em que o ser biológico transforma-se no ser sócio-histórico.

O significado é um componente essencial da palavra e é, ao mesmo tempo, um ato de pensamento, pois o significado de uma palavra já é em si uma generalização. É no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal.

Segundo Vygotsky, o discurso é usado como uma forma interna de linguagem, dirigida ao próprio sujeito, e não a um interlocutor externo, é um discurso sem vocalização, voltado para o pensamento, com a função de auxiliar o indivíduo nas suas operações psicológicas.

O indivíduo relaciona-se com o outro por meio da linguagem, em diferentes contextos. No ambiente de trabalho, a linguagem corresponde a um meio facilitador para a orientação e execução de determinadas tarefas.

As condições de trabalho são organizadas a partir da estrutura da sociedade. A sociedade é constituída por camadas sociais, que são sobrepostas, ordenadas, e possibilitam a ascensão ou descensão social desse indivíduo que atua sobre ela. Em sociedade, é possível observar diferentes formas de organização do trabalho, e identificar as mudanças sobre o indivíduo que elas provocam.

A idéia de trabalho, em nossa sociedade, carrega consigo os princípios do capitalismo, e a compreensão de que a aceitação e a inserção no mundo, e principalmente no mercado, é feita por processos seletivos.

O indivíduo e sociedade só se diferenciam claramente no capitalismo (Bock, 2002, p.)

O trabalho, enquanto atividade social, deve ser refletido por este indivíduo, pois ele determina fatores que são essenciais para a sua transformação social e profissional. Portanto, será preciso considerar a consciência crítica, para realizá-lo. Neste ponto, é preciso ressaltar a importância do profissional que atua em Orientação Vocacional (OV), pois é ele quem poder orientar a escolha profissional do indivíduo, para que ele possa construir sua identidade pessoal, valorizando seu auto-conhecimento, para a adequada elaboração de seu projeto de vida.

A orientação vocacional tem uma grande importância para a sociedade e para o indivíduo, que se evidencia no fato de possibilitar uma reflexão sobre novos fatores presentes na sociedade globalizada atual, a chamada realidade sociocultural e econômica.

O profissional de OV deve ter uma postura criativa, inovadora e científica, e este perfil deve começar a se delinear durante sua formação acadêmica. É imprescindível que este profissional esteja tranquilo e seguro de sua própria identidade, favorecendo aos adolescentes com quem trabalha as condições de construir sua própria segurança. Este profissional deve ter conhecimentos sobre o mercado de trabalho e a empregabilidade, a globalização, além de informações sobre as diferentes profissões e ocupações, sobre os cursos e as universidades, com base no conhecimento das teorias de orientação profissional.

Nesse sentido, é importante trabalhar para que o jovem consiga se reconhecer profissionalmente e escolher a profissão que o mobiliza. Assim, ele poderá desenvolver seu verdadeiro potencial. O profissional dessa área não pode ficar preso somente aos testes psicológicos, porque senão ele acaba comprometendo o processo de escolha do adolescente.

Para que haja de fato um trabalho significativo na vida deste indivíduo, o profissional de OV deve ser coerente e consciente do trabalho que desenvolve, de forma a atuar de maneira eficaz, buscando e oferecendo soluções criativas, para uma melhor adaptação deste indivíduo na sociedade em que vive.

1.2. Concepções de educação, escola e avaliação

A avaliação é uma ação espontânea e, ao mesmo planejada, pois carrega consigo aspectos que são de ordem interna e externa. Ela não pode ser usada como algo que serve apenas para reprovar o aluno, mas deve ser uma situação que o leve em direção a uma reflexão contínua de sua aprendizagem.

A avaliação deve ser sistemática e contínua no processo de ensino e aprendizagem, por isso o educador deve rever seus próprios critérios de avaliação, antes de aplicá-la ao aluno, pois ela é uma atividade humana, onde há atribuição de juízo de valor.

Os diferentes componentes da avaliação nem sempre são considerados pelos educadores e o aluno, na maioria das vezes, é avaliado somente por suas características externas, na medida em que os aspectos internos são esquecidos e desvalorizados pelos educadores.

Antes de aplicar uma avaliação, é necessário que o educador faça uma re-avaliação do que pretende do aluno, pois o aluno não deve ser avaliado em um só dia, mas todos os dias. Dessa forma, o educador precisa usar vários instrumentos de avaliação, para conseguir compreender o aluno de uma forma mais ampla.

A avaliação serve como instrumento para indicar em que posição o aluno se encontra no processo de ensino-aprendizagem. Ela não pode ser utilizada como um instrumento de massificação, de uniformização para o aluno, o que pode provocar a exclusão do processo de aprendizagem.

Por parte do professor, é fundamental saber sustentar a evolução do aluno, em ambiente de envolvimento amistoso. Todo processo avaliativo, sobretudo aqueles mais ostensivamente classificatórios, tendem a danificar esse tipo de envolvimento e a prejudicar a auto-estima do aluno. (Larrosa, 1998)

Quando o professor classifica um aluno, sem mostrar-lhe a finalidade dessa classificação, ele está interferindo em seu processo de ensino-aprendizagem. No entanto, quando o professor incentiva o aluno, no processo

de ensino-aprendizagem, ambos têm a ganhar, pois é de extrema importância para o educador saber conservar essa troca de aprender e ensinar, pois não é só o aluno que aprende com o professor, mas um aprende com o outro o tempo todo.

1.3. Concepção de Coordenador Pedagógico

O coordenador pedagógico exerce diversas funções no interior da escola. Entre elas, é responsável por acompanhar a formação do aluno, observando o seu desenvolvimento, além de analisar a participação dos pais e professores no contexto escolar. Dessa forma, é possível afirmar que o papel do coordenador deve estar baseado no compromisso de construir coletivamente um projeto de múltiplas ações educacionais.

A dimensão pedagógica do papel do coordenador se reflete mais diretamente no apoio e orientação aos professores, aos alunos e aos pais no processo de ensino-aprendizagem, e na assessoria à direção escolar, no sentido da estruturação e do funcionamento do projeto pedagógico escolar.

O coordenador pedagógico deve ter bom senso, além de competências específicas, para que sua atuação contribua para o aprimoramento da cultura organizacional da escola e para o estímulo à formação continuada dos educadores, incluindo a sua própria formação.

Contudo, este papel profissional inclui vários aspectos educacionais da instituição escola, considerada como um coletivo de trabalho. O coordenador pedagógico deve atuar no sentido de concretizar as ações decididas pelo grupo de trabalho, agregando valores, revelando habilidades, identificando diferenças, e contribuindo para a construção de algo novo, a partir daquilo que já existe daquele coletivo.

O coordenador deve atuar junto ao professor no sentido de ajudá-lo a reconhecer o aluno em sua intersecção com a sociedade, a cultura, a história. Uma das complexibilidades que o coordenador pedagógico deve saber trabalhar é aquela que se refere à questão da compreensão do aluno à luz do seu contexto social, do espaço onde ele está inserido, para poder traduzir as demandas sociais em benefício da escola e do aluno, pois a escola tem um

papel fundamental nesse processo, mas será o coordenador o responsável por efetivá-lo.

O coordenador pedagógico deve estimular que a sua equipe de trabalho esteja bem preparada para contribuir na elaboração do projeto político pedagógico da escola, pois este reflete a situação da escola em determinado momento da história, e sua característica principal é promover a discussão, a análise e a tomada de decisões, realizando o direcionamento e o acompanhamento das ações e a avaliação contínua da situação.

A atuação dos profissionais que compõem a equipe pedagógica precisa ser baseada na ética solidária, pois são múltiplas as visões de cada um ante cada projeto, em especial, o projeto político pedagógico que, enquanto movimento, se constitui em um espaço de acordos de pontos de vista diferentes entre educadores, docentes e não-docentes, alunos, comunidade próxima da escola e os órgãos de supervisão e de gestão.

Durante a elaboração do projeto, cada participante deve ter preservada a sua autonomia, porém é necessário que o coordenador interfira em determinadas situações, sem que desfaça das opiniões propostas, mesmo porque os conhecimentos individuais são diferentes e tudo aquilo que for proposto coletivamente deve ser respeitado. Sendo assim, todos participam e chegam a uma única decisão coletivamente.

O coordenador pedagógico deve ser bastante reflexivo perante o trabalho desenvolvido com a equipe escolar, pois é no cotidiano que as idéias serão articuladas, para que ocorra o desenvolvimento dos alunos e dos professores, do processo ensino-aprendizagem, na busca constante e partilhada do próprio crescimento pessoal e profissional.

2. Subsídios teóricos

2.1. O que é Pedagogia Hospitalar?

A pedagogia hospitalar compreende os procedimentos necessários à educação de crianças e adolescentes hospitalizados, de modo a desenvolver uma atenção pedagógica especializada para os escolares que se encontram em atendimento hospitalar, e para o próprio hospital na concretização de seus objetivos com estes pacientes.

O objetivo desse trabalho é fazer com que a criança e o adolescente hospitalizado, em idade escolar, não interrompa, na medida do possível, seu processo de ensino-aprendizagem.

2.2. O que é a classe hospitalar?

É o ambiente propício à realização das atividades educativas escolares e implica em responsabilidade e continuidade perante o processo de aprendizagem formal dos alunos-pacientes hospitalizados, visando atender às necessidades pedagógicas educacionais, para que esses alunos da educação básica possam ter o seu direito garantido de voltar à sala de aula de origem, sem prejuízos.

Por ser um atendimento relativo à educação formal, é necessário que o acompanhamento pedagógico seja realizado por um profissional que mantenha contato com a escola de origem de cada aluno-paciente, para que possam ser desenvolvidas as atividades pertinentes, em cada caso específico, em função das condições de saúde diagnosticadas. No momento em que a criança estuda, ela deixa de ser vista como um doente, e passa a ser reconhecida como uma criança que tem potencialidades, capacidades para serem desenvolvidas, e dessa forma ela se sente mais confiante e capaz de lutar pelos seus sonhos.

A relação médico-professor é muito necessária. Na medida em que essa parceria vai sendo construída, a comunidade educativa se mobiliza para o diagnóstico e tratamento de alunos-pacientes. Isso permite que ocorra uma

reabilitação mais tranquila para as crianças e adolescentes hospitalizados. Ao mesmo tempo, é muito importante a realização de um trabalho com os pais, para conscientizá-los acerca do papel e da importância da classe hospitalar, para que todos possam atuar em conjunto, e garantir que os alunos-pacientes sejam incentivados a seguir seus estudos com mais tranquilidade.

2.3. Quem é o profissional da classe hospitalar?

O profissional é o professor, que vivencia com seus alunos as sensações de forma intensa, na medida em que os auxilia no processo de adaptação a esse novo ambiente, para que possam conviver da melhor maneira possível com a doença. O professor age como mediador do trabalho educativo a ser desenvolvido, ele facilita o contato do aluno doente com outras crianças e isso contribui para o desenvolvimento social de todos. Por outro lado, o professor também é o restaurador de relações para estas crianças, por recuperar seus laços afetivos de criança com o cotidiano escolar, característico das vivências infantis em sociedades escolarizadas, e operar pedagogicamente no sentido do desenvolvimento psíquico e cognitivo dessas crianças e adolescentes.

Quando um estudante inicia o tratamento, o professor responsável pela classe hospitalar deve chamar a família e o futuro aluno para conversar sobre sua situação. Em geral, o coordenador pedagógico articula essa fase. Em seguida, o docente entra em contato com a escola para solicitar o currículo que a criança seguiria e as atividades já realizadas. Cabe à unidade de ensino encaminhar as tarefas previstas, para que o aluno as faça durante o período de sua internação, inclusive as provas que serão devolvidas para a correção do educador da turma regular.

2.4. Como surgiu a classe hospitalar?

O atendimento escolar foi organizado a partir de políticas públicas e de estudos acadêmicos decorrentes da observação e da consideração às crianças com necessidade de hospitalização.

Em 1996, a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional marcou o início da formalização do funcionamento das classes hospitalares, determinando aos governos a tarefa de garantir o atendimento educacional especializado e gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular.

2.5. Como se relacionam educação e saúde na classe hospitalar?

Quando o paciente apresenta uma patologia crônica, que não pode ser tratada de forma ambulatorial, o caminho a ser seguido é a internação em ambiente hospitalar. Depois da recuperação, o paciente poderá deixar o hospital e voltar para a reinserção em sociedade.

Para a criança, esse momento pode ser caótico, pois implica em mudanças subjetivas em sua vida cotidiana e entender essa fase e essas necessidades é dever de todos que trabalham em ambiente hospitalar. É um processo que tem também a função de incorporar no universo da criança o conhecimento do não-familiar, do assustador, do desconhecido. A aceitação dessas mudanças, por exemplo, alterações físicas ou limitações que decorrem da doença, devem ser encaradas com postura e passividade.

Para dar à criança a clareza sobre o motivo da internação se torna imprescindível uma orientação adequada que permita:

- Oferecer explicações a respeito dos motivos da internação.
- Informar sobre rotinas hospitalares, procedimentos médicos e tecnologias empregadas com o intuito de desvelar esse ambiente desconhecido.
- Mostrar as dependências da instituição, a sala de recreação, a sala de atividades pedagógicas, entre outras.

Considerando as diferentes idades e fases da criança hospitalizada, é conveniente considerar as várias características e manifestações evolutivas de cada criança, desde a educação infantil até o ensino fundamental.

É necessário observar que o aluno de educação infantil, em geral, está envolvido na descoberta do mundo e da linguagem, utiliza a observação, a

imaginação e a fantasia, que orientam sua atividade mental. Essas crianças apresentam dificuldade em relação às noções temporais e espaciais. A ausência dos familiares na instituição é percebida como longa, fazendo com que a criança atribua explicações fantasiosas e conflituosas aos fatos.

Para eles, o movimento é uma fonte de prazer, porém a restrição da atividade motora pode se transformar em uma das maiores dificuldades a serem enfrentadas na hospitalização de crianças nessa fase do desenvolvimento. Além disso, mostra-se egocêntrico, sente-se seguro na rotina e sob a proteção da mãe, tem facilidade em adquirir novas habilidades, porém tem pouca tolerância às ausências da mãe junto ao leito.

O aluno de ensino fundamental, por sua vez, demonstra características como: criatividade, habilidade para a aprendizagem, vocabulário mais amplo, habilidades de raciocínio e compreensão objetiva do mundo. Ele já se adapta ao real, distanciando-se das soluções mágicas dos problemas e compreende as relações espaciais e temporais. Nessa faixa, a criança sente necessidade de espaço, prefere brincadeiras que envolvam movimentos de correr, saltar, perseguir e fugir.

Esse paciente apresenta situações transitórias em seu comportamento, ora um comportamento conformista, ora tem uma postura de rebeldia. Enfrenta situações emocionais com certo controle, podendo sentir dúvidas e angústias. Anseia pelo bom relacionamento entre familiares. Essa criança, aos poucos, vai se libertando do individualismo, para atender a sua necessidade de socialização. Para o educando de ensino fundamental, a atmosfera do hospital aprisiona o seu físico e a sua mente.

A enfermidade e a hospitalização das crianças passam por seu corpo e emoções: passam por sua cultura e relações, produzem afetos e inscrevem conhecimentos sobre si, o outro, a saúde, a doença, o cuidado, a proteção, a vida. A corporeidade e a inteligência vivenciam essas informações como conhecimento e saber pessoal. (Cecim, 1997, p. 33)

2.6. Como se sente a criança hospitalizada?

A hospitalização, por ser algo complexo, compreende processos que interferem nas relações pessoais e inter-pessoais dos pacientes. Quando o contexto institucional hospitalar desconsidera a dimensão infantil, pode haver o estabelecimento de um quadro que potencializa o surgimento de traumas do enfermar.

Frente ao marco institucional, é diagnosticado que o afastamento da mãe é percebido pela criança enferma como sentimento de abandono. Diante de situações dessa natureza, é preciso construir um quadro clínico da criança vítima de isolamento afetivo, para obter um diagnóstico mais preciso desse paciente. Essa criança pode passar por diversos estágios de adaptação: desde o silêncio depressivo, até a falsa adaptação.

A hospitalização, por constituir um evento que requer amadurecimento psico-afetivo e social da criança, deve ser acompanhada de meios facilitadores, para uma adaptação mais tranqüila do enfermo. Partindo desse pressuposto, as situações afetivas devem ser recuperadas, para que possam auxiliar a criança na busca de sua identidade e na elaboração de seu projeto de vida, a fim de preservar o seu crescimento social e psicológico saudável.

2.7. O que a criança hospitalizada pensa da escola?

Pensar em hospital veicula uma aparência de normalidade na anormalidade. A escola, como gerenciadora de processos de ensino e aprendizagem, se reconstrói no sentido de ressignificar o conhecimento em função do adoecimento do educando. A partir dessa função, é possível afirmar que a escola é mobilizadora da construção de modos positivos de vida.

A participação da criança hospitalizada na vida escolar, mesmo em regime domiciliar de estudos, faz com que se perceba membro de uma classe. Desse modo o hospital passa a ser entendido como ambiente-agência educativa, oportunizando ao paciente experimentar outras vivências, além do ensino formal. É também papel da escola garantir a compreensão da fase que a criança está transpondo. Da parte do hospital, cabe o esforço pela cura e pela redução do significado da ruptura escolar, que para a criança é causada

pela hospitalização. O ensino nos espaços da saúde protege o desempenho escolar bem-sucedido das crianças, reintegrando-as à escola após a alta.

Esse desejo de voltar a freqüentar aulas ocorre em um momento em que ganha destaque a significação que a escola assume para o paciente. Ser reconhecido como ser produtivo é, de fato, o que o paciente quer ser, mergulhado nesse processo, a criança vai se aprimorando e consegue assumir os conhecimentos acadêmicos sistematizados, para poder reinventar os modos de viver, de si e de quem está a sua volta.

2.8. Como realizar atividades educativas na classe hospitalar?

O campo da hospitalização infantil é centrado nos aspectos psicológicos, pedagógicos e sociológicos presentes nesta vivência. De modo geral, falar em educação em contexto hospitalar é fortalecer a individualidade do paciente, é permitir a partilha de interesses, de brincadeiras, de afetos; aperfeiçoar o comportamento pessoal, assegurar e respeitar as obrigações escolares, bem como garantir seus direitos preservados em lei. É pela oferta de tarefas construtivas que a criança hospitalizada passará a reconquistar a sua autonomia.

Em 1994, os princípios, a política e o reconhecimento do direito à educação especial para as crianças e adolescentes foram legitimados na Declaração de Salamanca . No mesmo ano, a política nacional de educação especial e o plano de expansão e melhoria da educação especial, no Brasil , definiu a classe hospitalar como uma modalidade de ensino que prevê a assistência educativa a crianças internadas em hospitais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado (Resolução no. 1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) assegura o direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar durante a permanência hospitalar.

Recentemente, entraram em vigor as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Resolução no. 02, de 11 de setembro

de 2001, do Conselho Nacional de Educação), assegurando no art. 13, parágrafo 1º, que

cabe às classes hospitalares a continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos matriculados em escolas da educação básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não-matriculados em sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular. (Resolução 02/2001)

Para Cecim (1999), a classe hospitalar se acha enquadrada como atendimento pedagógico educacional, que afiança a preponderância nas funções do ensino: instrução escolar, desenvolvimento dos processos psíquicos e intelectivos e na produção de aprendizagens, ou seja, um delineamento de "escola no hospital".

As crianças e adolescentes internados em hospital são considerados alunos temporários de educação especial, por se acharem afastados do universo escolar, privados da interação social propiciada na vida cotidiana e terem pouco acesso aos bens culturais, como revistas, livros, atividades artístico-culturais. Portanto, elas correm mais riscos de reprovação e evasão escolar, podendo atingir um quadro de fracasso escolar.

Ao ser detectada a dificuldade escolar, pelo impedimento de acesso à escola, em função do tratamento, ou pela dificuldade de manter a frequência escolar, aciona-se o processo de ação educativa preventiva no hospital. Esta educação focaliza o paciente-aluno como sujeito inventivo, que consegue se adaptar ao novo e sair das amarras do estado de vitimização.

Com base no quadro cognitivo e nas condições clínicas do paciente, será estabelecido um plano de ensino diferenciado do paradigma escolar, focado na singularidade de tempo e intensidade da receptividade do aprendente, na busca de sua formação.

A educação da criança que está internada não é responsabilidade exclusiva do hospital, mas é sim responsabilidade de todos. Os encontros entre saúde e educação podem ocorrer no leito da internação, no qual o paciente estabelece sua galeria de produções intelectuais, pessoais ou artísticas, ou

mesmo na classe hospitalar ou na escola do hospital. Infelizmente, poucos hospitais possuem um local exclusivo para a escolarização das crianças longe do barulho e das interrupções provocadas pelas demandas da enfermagem, com estimulação para a livre circulação do ensino.

Logo, percebe-se que a classe hospitalar precisa ser repensada pela instituição e pelos profissionais de saúde e de educação que convivem com ela. É necessário que haja um aperfeiçoamento pessoal e o incentivo à desmarginalização da criança no retorno à rede escolar.

Contudo, nesse contexto, ganha destaque a necessidade de formação do professor para atuar no ambiente hospitalar, no qual existem diversos desafios a serem enfrentados. Nessa circunstância de formação, o professor deve estar convencido da importância da promoção da saúde pelo desenvolvimento e pela aprendizagem, que se realizam por meio de ações que possam transcender o fazer pedagógico, ações mais do que educativas no ambiente hospitalar. O educador vai delineando seu papel conforme os acontecimentos vão surgindo, o seu fazer deve estar sempre apostando no atendimento às necessidades intelectuais, sócio-interativas, afetivas e escolares da criança hospitalizada. No entanto, ele não deve se esquecer de focar o lúdico em seu contexto para poder desenvolver um bom trabalho com o aluno-paciente ou o grupo.

2.9. Como se constrói a relação professor-aluno na classe hospitalar?

Essa relação se configura como algo que transcende a busca por conhecimentos, para superar emergências. Mas deve ser configurada em uma relação recíproca de saberes a serem desenvolvidos junto com o grupo. Os professores, de maneira geral, devem ser estimuladores, cautelosos, atentos, reinventando sempre a forma de trabalhar com o grupo, para que o educando consiga prosseguir firme em seus afazeres escolares.

O ato de educar em hospitais requer paciência frente à situação que o educando está enfrentando, pois esse educar sinaliza para novos caminhos, que serão direcionados pelos objetivos planejados pelos educadores diante das necessidades e possibilidades de cada aluno-paciente.

Capítulo 2

Metodologia

Considerando os objetivos propostos para esta pesquisa, que são:

- Conhecer a classe hospitalar, em seus aspectos teóricos
- Propor processos de capacitação de professores de educação básica para atuar em classe hospitalar.

Ela foi desenvolvida na forma de revisão bibliográfica da literatura disponível em língua portuguesa sobre classe hospitalar: conceitos, formas de organização e de trabalho, relação com o sistema educacional, formação de educadores, entre outros aspectos considerados relevantes.

Como proposta de intervenção, a pesquisa permitiu a construção de um curso de capacitação de professores da educação básica sobre aspectos relacionados à classe hospitalar, necessários para a atuação nesse ambiente.

Capítulo 3

Análise e avaliação institucional

O colégio onde se realizaram os estágios e objeto desta análise institucional se localiza na zona sul da cidade de São Paulo, pertence à rede particular de ensino, e oferece desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental I.

Os pais são muito presentes na vida escolar de seus filhos e isso é estimulado pelo colégio. A importância da relação família-escola está presente no discurso dos profissionais e dos responsáveis pelos alunos. O colégio é uma empresa familiar e os profissionais que atuam nesse ambiente de trabalho são pessoas conhecidas no bairro.

Em todos os níveis de ensino, as crianças e os adolescentes aprendem a refletir sobre a consequência de seus atos, a controlar as respostas impulsivas, a respeitar a diversidade e o direito do outro.

A relação entre professores, diretor e coordenação pedagógica não é flexível, pois as decisões não são tomadas pelo coletivo, mas pela diretora da escola.

Aos poucos, o colégio está sendo ampliado, para uma melhor adequação aos alunos e demais funcionários. Há uma biblioteca, um laboratório de informática e uma quadra poliesportiva. As atividades extracurriculares oferecidas são aulas de música, ballet, capoeira e culinária.

As reuniões pedagógicas são realizadas semanalmente com as coordenadoras da escola, de uma forma bem geral para saber como os professores estão planejando as aulas. A escola trabalha com o sistema didático da Editora Brasil, mas os professores tem bastante liberdade em relação ao planejamento de suas aulas.

As reuniões pedagógicas com os pais são feitas a cada final do bimestre. Nessa reunião, a professora da série, a coordenadora e a auxiliar de

coordenação fazem o acompanhamento, para que sejam esclarecidas as dúvidas sobre o ensino e a aprendizagem dos alunos.

As normas e combinados são claramente determinadas, algumas são criadas e recriadas pelos próprios alunos, mas a maioria delas é elaborada pela direção e coordenação. Essas normas e combinados são amplamente difundidos e cobrados. Quando elas não são respeitadas, a professora conversa com o educando para que possa ser tomada uma medida, em relação a esse aluno, mas sempre há a necessidade de consultar a direção da escola.

A relação professor-professor não é tão valorizada por parte da coordenação pedagógica da escola. Por ser um ambiente com maioria feminina, não é permitido ter amizades, para evitar fofocas, segundo o entendimento da direção.

Toda escola tem um papel fundamental na formação de indivíduos livres, que sejam pensantes, sobre o trabalho que vão desenvolver em sociedade. Somente quando as escolas se derem conta dessa responsabilidade, vão conseguir atuar no sentido de desenvolver a autonomia em seus alunos e contribuir para formar indivíduos completos. Hoje, como educadores, precisamos fazer de cada aluno um cidadão flexível, com boa capacidade de comunicação e que saiba trabalhar em equipe. O aluno tem que desenvolver dentro de si o compromisso de aprender, e o professor, o compromisso de ensinar. São responsabilidades compartilhadas que permitem aplicar esse conhecimento na vida social da escola.

Capítulo 4

Proposta de ação

4.1. Apresentação do Curso

O objetivo deste curso é promover a capacitação inicial dos docentes para a atuação em classe hospitalar. Ao observar o cotidiano da escola, na qual trabalho, percebi que os docentes não têm conhecimento sobre essa questão, ou seja, não têm base teórica para atuarem em hospitais. Outro fato, que pude perceber, é a questão do dia e horário que cursos voltados para essa formação oferecem, não correspondendo à necessidade dos docentes para cursar.

Assim, devido a esses fatos apresento esta proposta de curso para capacitação inicial em ambiente hospitalar. Esse curso busca capacitar os docentes em classe hospitalar, centrado na situação transitória a qual o educando passa. Busca possibilitar o contato com: a escola, a família e o hospital. Para tanto, esse profissional deve ser muito flexível e precisa conhecer as dependências hospitalares, bem como os respectivos profissionais que ali trabalham.

É indispensável que esse professor conheça as patologias mais freqüentes da unidade hospitalar em que atua, relacionadas ao atendimento de classe hospitalar, para que consiga, com sensibilidade, planejar o ensino, respeitando os limites clínicos do aluno-paciente. Convém que esse professor conheça também alguns procedimentos básicos de primeiros socorros e os locais ou setores do hospital para o encaminhamento do aluno em caso de emergência.

Nessas circunstâncias, a função do professor perpassa vários eixos temáticos hospitalares, sendo que ele deve ser um promotor da saúde humana do aluno-paciente, para que esse aluno possa desenvolver-se melhor no processo de ensino-aprendizagem.

Durante a aula, o conteúdo ensinado ao aluno-paciente segue o da escola regular, mas com a luz da ludicidade, sem perder de vista as

habilidades a serem construídas, como escrever pequenos textos, ler em voz alta, ler para o outro, resolver situações-problema simples.

As temáticas são trabalhadas com todos os alunos-pacientes, desde a educação infantil até o ensino médio, porém as atividades são propostas no nível de dificuldade e na faixa etária de cada aluno.

O trabalho educacional com as crianças da educação infantil no hospital não é diferente dos realizados nas classes regulares. Entretanto, para atendê-las é necessário fazer alguns ajustes, mantendo o currículo flexível, pois os diferentes níveis de desenvolvimento e faixas etárias, além da diversidade de patologias, fazem com que a turma seja multisseriada e requerem competência do educador.

A escolha dos procedimentos de ensino é uma ação delicada no processo do planejamento. Em cada dia deve ser realizada uma atividade diferente, devido à rotatividade que o hospital tem, exigindo uma diversidade de trabalhos, os quais se iniciem e terminem no mesmo turno.

O adoecimento e a hospitalização das crianças implicam em alterar seu cotidiano, separar-se dos amigos, da escola, de casa, dos brinquedos, dos objetos pessoais, e ir para um ambiente estranho, onde terá que se submeter a procedimentos invasivos, muitas vezes dolorosos, conviver com rotinas rígidas, o que causa irritabilidade.

O lúdico, o jogo e as brincadeiras também fazem parte do planejamento das aulas. O trabalho diversificado possibilita uma maior participação dos alunos nestas atividades direcionadas.

A relação interpessoal entre professor-aluno deve acontecer de forma horizontal, motivada pela amorosidade perante o aluno-paciente, assim como o professor deve possuir sólida formação científica e ética baseadas na dialogicidade. Para tanto, a qualificação desse profissional requer uma formação mais ampla, demandando aportes didáticos que superem as dificuldades do dia a dia deste aluno-paciente, para que esse sinta-se bem, permeando assim um ensino amoroso, que busque a construção do indivíduo por completo, mesmo nessas condições especiais.

4.2. Público alvo

Docentes da Educação Básica de uma escola privada.

4.3. Áreas de atuação:

Classe Hospitalar, brinquedotecas, Projetos de Ler e Escrever e demais projetos que necessitem desse profissional com essa formação.

4.4. Carga horária: 72 horas

4.5. Duração: seis meses

4.6. Estrutura e temas do curso

Módulo I

- O hospital como ambiente terapêutico e suas demais finalidades.
- Legislação referente às classes hospitalares: aspectos legais e éticos.
- A saúde psíquica do educador.
- Visita a um hospital que apresente classe hospitalar. Durante a visita tenha o roteiro abaixo para registro das observações realizadas.

Roteiro:

I. Dados da instituição.

II. Caracterização:

- a) Número de classes hospitalares em funcionamento.
- b) Profissionais que trabalham.
- c) Período.
- d) Tipo de contrato.
- e) Organização do trabalho desses profissionais.
- f) Avaliação da visita.

Módulo II

- O adoecer e seus significados.
- A criança e o adolescente com doenças crônicas.
- A arte de cuidar: o educador e a equipe multiprofissional.
- Planejamento de atividades com os seguintes tópicos
 - ✓ Título:
 - ✓ Público alvo:
 - ✓ Conteúdo de trabalho.
 - ✓ Duração.
 - ✓ Recursos.

Módulo III

- O significado de várias manifestações pessoais: linguagem, escrita, leitura.
- O brincar: aspectos educacionais, psicológicos para uma boa recuperação.
- Estatuto da criança e do adolescente (ECA).

Montagem de um Workshop com as atividades elaboradas pelos docentes.

Este evento será realizado a partir das atividades elaboradas pelos docentes durante o módulo II. Tem como objetivo divulgar e socializar os materiais produzidos pelos professores tornando o processo de ensino e aprendizagem coletivo.

4.7. Procedimentos de ensino

- Aulas expositivas com discussão dos textos apresentados para leitura.
- Trabalhos individuais e em grupo
- Elaboração de resumos
- Visita a um hospital

- Montagem de um workshop

4.8. Recursos que serão utilizados:

- Textos
- Projetor multimídia
- Roteiro para a visita
- Filmes

4.9. Avaliação:

Participação

Assiduidade

Portfólio – elaboração de um portfólio pelos docentes

O portfólio é um instrumento inovador, que tem como objetivo principal avaliar o progresso dos alunos, por meio de um conjunto de procedimentos contínuo. Este instrumento deve servir de estimulação para o pensamento reflexivo.

O portfólio não é um depósito de trabalhos “organizados”, é sim um suporte para observar e respeitar o ritmo, e auxiliar o aluno durante o processo de ensino-aprendizagem, tratando cada um como sendo um ser singular.

Dessa maneira o professor consegue de forma sistemática formular idéias, motivar-se diante todo o processo, registrar melhor as considerações, de forma ampla, e concretizar suas práticas pedagógicas no dia a dia de seu aluno.

Considerações finais

Esta pesquisa, que agora chega ao fim, teve por objetivo mostrar que a classe hospitalar garante o atendimento a crianças e adolescentes hospitalizados, permitindo o acompanhamento de seu processo de ensino e aprendizagem em hospitais.

A modalidade de ensino nessa classe propõe a criação de um ambiente produtivo que estimule a vontade de viver e principalmente de dar continuidade aos estudos. Essa reflexão já está presente no ambiente hospitalar, mas precisa ser renovada nos processos de capacitação do docente que irá atuar nesse contexto.

Esta pesquisa nasceu de observações realizadas no decorrer dos estágios que fiz em uma escola da rede particular de ensino. Lá, os profissionais não demonstravam ter um conhecimento teórico mais profundo desse assunto, e isso provocou em mim uma série de questionamentos, que me levaram a desenvolver esta pesquisa.

Transformações concretas só são possíveis quando se tem um retrato fiel da realidade e do contexto onde se está inserido. Por isso, apresento como alternativa para tais docentes uma proposta de curso de capacitação, que visa formar profissionais para a atuação em ambiente hospitalar.

A formação continuada deve ser pensada e planejada para o grupo de professores com os quais se atua. Para tanto, o docente deve ter clareza em relação aos aspectos como: conhecer as dependências do hospital e os outros profissionais. Este docente deve ser também um conhecedor das patologias mais frequentes na unidade hospitalar em que atua, para que consiga com tranquilidade nortear seu ensino, e poder respeitar os limites clínicos de seu aluno-paciente. Também é necessário que o docente conheça alguns procedimentos básicos de primeiro socorro.

Esta é uma formação que busca atender a uma procura emergente e que está tentando traçar seu estatuto epistemológico a partir de um fio

condutor direcionado do entrecruzamento entre parâmetros essenciais: saúde e escolarização.

A prática docente é fortemente marcada pelas relações afetivas, constituindo reforço para que a criança não desista da luta por saúde, se mantenha esperançosa em sua capacidade de esforço, e possa construir seu projeto de vida.

A educação, dessa forma, mostra que não existe lugar correto para educar e aprender. Ela ocorre em diversos ambientes e é necessário que os docentes acreditem em suas possibilidades, pois somente assim construiremos juntos uma educação que considera o ser humano como ser que é total, independente do universo em que se vive. Levar isso em consideração é acreditar no outro e, principalmente, na educação que queremos em nosso meio.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli Elisa Afonso e VIEIRA, Marli M. Da Silva. "O Coordenador Pedagógico e a Questão dos Saberes". In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera M. N. S. **O Coordenador Pedagógico e a Questão da Contemporaneidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BOCK, Sílvio Duarte. **Orientação Profissional: A abordagem sócio-histórica**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci. **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

EVANGELISTA, Jacyara Coy de Souza. Ensinar e aprender com as classes hospitalares. **Revista Pátio**, ano XIII, nº 49, fev/abr 2009.

GONÇALVES, Carlos Luiz. "Projeto Pedagógico: Movimento Documento". In: **Revista Educação Continuada: a experiência do pólo 3**. Mogi das Cruzes: UMC/FAEP/Litteris, 1998.

KOLYNIAC Fo., Carol. Educação Física e Vygotsky. In: **Revista Discorpo**. São Paulo, nº 4, 1995.

MARINO, Marília J. "O grupo no processo educativo". In: **Linhas Críticas**. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. nº.1 (dez.1995), Brasília: UnB, 1995.

MENDEZ, Juan Manuel Alvarez. A avaliação em uma prática crítica. **Revista Pátio**. Ano VII, nº 27, ago/out 2003.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. **Classe hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

RANGEL, Mary. Temas integradores da Supervisão Pedagógica, Orientação Educacional e Comunidade Escolar". In: GRINSPUN, Mirian Paura S. Zippin (org). **Supervisão e orientação**: perspectivas de integração da Escola. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PERRENOUD, Phillippe. "O que fazer da ambigüidade?" - Programas escolares orientados para as competências. **Revista Pátio**. Ano 6, nº. 23 set/out 2002, p. 8- 11.

SACRISTÁN, J. Gimeno e GOMÉZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre, RS: ArtMed, 2000.